

Porque razão submetemos as crianças (dos 6 aos 12 anos) a 8-9 horas de trabalho por dia em actividades que lhes são impostas, enquanto os adultos trabalham em média entre 7-8 horas? Porque razão a opinião, a cultura e os interesses das crianças não são elementos constantes nas actividades? Será que os TPC's, por roubarem tempo livre às crianças, não favorecem um sentimento negativo destas em relação ao acto de aprender? Estas têm sido algumas questões que têm inquietado Maria de José Araújo, investigadora na área das Ciências da Educação e que lançou recentemente "Crianças Ocupadas", um livro que segundo a autora "tenta trazer para o debate público o trabalho das crianças e

o seu direito a um tempo efectivamente livre".

Na introdução refere que a pedagogia que se usa para criar ambientes que propiciem o brincar é um direito e não uma mania dos pedagogos. Sente que defende uma perspectiva que não é de todo consensual?

Maria José Araújo - Muitas vezes há uma visão errada do que é a pedagogia e do que é brincar. A verdade é que as crianças precisam de brincar e para elas é uma actividade muito séria. No discurso dominante, o brincar, sobretudo quando relacionado com as actividades escolares, aparece quase sempre como actividade secundária. No entanto, as crianças brincam para descobrir

o mundo, as pessoas e as coisas que estão à sua volta. É preciso é criar condições sócio-espaciais para que as crianças possam brincar. Há muitos pedagogos a defender esta perspectiva. As crianças compreendem desde cedo que brincar não é, para os pais, nem para a escola, essencial e apercebem-se disso pelas conversas e atitudes dos adultos e pela forma como se comportam perante a brincadeira ou o jogo.

De que forma é que o seu livro procura traduzir para o grande público uma questão que nem sempre está acessível a todos, por exemplo pela linguagem científica dos estudos?

MJA - Este livro parte de uma investigação, mas tenta acima de tudo trazê-la para o "murmúrio" e para o

escrutínio do "mundo da vida", tornando acessíveis a um público mais amplo os resultados a que cheguei. É um livro que pretende contribuir para o debate público sobre as actividades que as crianças fazem no seu tempo livre, através da partilha com o maior número possível de leitores de uma série de inquietações que o trabalho com as crianças me tem suscitado, seja como investigadora, seja como animadora. A linguagem que se utiliza para divulgar a investigação tem de ser acessível. Caso contrário, torna-se muito difícil a disseminação e divulgação dos resultados a que chegamos.

As Ciências da Educação (CE) têm sido mal interpretadas e sofrido com isso?

MJA - As Ciências Sociais e da Educação ajudam a desconstruir ideias feitas, ajudam a pensar. Tratam de assuntos que toda a gente considera próximos, familiares e em relação aos quais têm uma opinião. Mas essa opinião é geralmente baseada apenas em ideias-feitas, de mero senso comum. As Ciências da Educação são uma área imprescindível para criar reflexão crítica sobre o que se passa na educação e fazer chegar a toda a comunidade educativa a reflexão que se produz. É, aliás, uma preocupação que partilho com os meus colegas investigadores do Centro de Investigação a que pertença. Muitas vezes fazem-se investigações que não chegam aos pais, aos professores...

Entrevista Maria José Araújo

Tempo livre e a ocupação das crianças: e brincar, não será um direito?

Investigadora na área das Ciências da Educação lança livro elico sobre o tempo livre e a ocupação das crianças.



no fundo onde ela deveria chegar e, nesse sentido, é necessário que se criem condições para que se possam discutir estes assuntos de forma mais abrangente. Esta é uma das principais razões deste livro.

Os debates são também uma forma de não fechar a investigação na academia?

MJA - Claro. Os debates são muito importantes... são imprescindíveis. É fundamental devolver a investigação que se faz, temos essa obrigação.

Percorreu várias escolas para debater com professores, pais e mães... Daquilo que apresentou nos debates, o que suscitou mais discussão?

MJA - O que impressiona muito as pessoas, quando eu falo sobre o tra-

balho e a ocupação das crianças durante o dia, é quando tomam consciência da quantidade de tempo: cerca de 45 horas semanais, 9 horas por dia. Essa é a questão que preocupa os educadores. Porque eles sabem que as crianças têm trabalho na escola e depois um conjunto de actividades programadas durante o dia e muitas vezes ainda vão para casa fazer "trabalhos de casa".

Outra questão são os chamados TPC. Porque os educadores sabem que as crianças não gostam, estão cansadas, não têm vontade, etc... E os pais sofrem com isto. Por um lado, acham que se disserem aos filhos para não fazer os TPC os estão a prejudicar, por outro acham que se eles aprenderem mais qualquer

coisinha isso fará deles melhores alunos. Embora percebam que eles estão cansados... São situações algo contraditórias.

Mas estamos no caminho certo, porque já há muitos educadores a tomar posição sobre este assunto. Aliás, esta sobreocupação das crianças não pode continuar porque elas não aguentam, como sabemos.

Que consequências do excesso da carga horária para as crianças?

MJA: As crianças vivem num grande stress. Querem corresponder às exigências da escola, às expectativas dos pais e dos professores e até do grupo de pares. Trabalham imenso e preocupam-se em desempenhar bem o seu papel de "alunas". Mesmo aquelas que aparentemente não

Biografia

Maria José Araújo é Bolseira da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – e Investigadora do CIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCE-UP – integra o núcleo E:etc – Expressões, Espaços e Tempos de Criatividade. Tem actualmente em curso um trabalho de investigação sobre a "Escola a Tempo Inteiro e as Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC)".

estão interessadas. Essas, aliás, são muitas vezes as que mais sofrem. As distrações e irreverências das crianças, ou até aquilo a que muitas vezes chamamos "indisciplina", são muitas vezes consequência do cansaço e do excesso.

O cansaço aliado às expectativas dos pais faz com que as crianças andem ansiosas, fiquem aflitas, chorem ou até não queiram ir à escola, inventem mentiras... Começam a alhear-se do espaço escolar e por vezes até desistem.

Mas o cansaço não é só em relação à quantidade de actividades e trabalho que têm para fazer, mas também aos espaços. São muitas horas fechadas e as crianças precisam de espaços de ar livre. Os espaços ▶



"Olhando para o tempo médio de um adulto e de uma criança, percebemos que as crianças trabalham no seu ofício de alunas tanto quanto um trabalhador adulto"

educativos, sobretudo porque as crianças lá estão muitas horas diárias, têm de ser espaços de comunicação e aprendizagem que assumam um papel activo e dinâmico.

À sua crítica do excesso de carga horária subjaz uma outra que questiona as aulas e as actividades desenvolvidas sem ter em atenção os interesses ou as opiniões das crianças. Questiona também o actual modelo escolar?

MJA - Uma das dificuldades que condiciona as escolhas das crianças nas actividades organizadas, por exemplo nas Actividades de Enriquecimento Curricular (AEC's) do 1. Ciclo do Ensino Básico, é que elas são pensadas para ser aulas, e nesse sentido as diferentes opções (música, plástica, etc.) são organizadas por turmas e muitas vezes sem ter em conta os interesses e culturas das crianças. Como todas as crianças que ficam na Escola depois do horário lectivo têm obrigatoriamente de participar, as actividades são organizadas em função da prescrição do Ministério da Educação. Por razões práticas de organização, normalmente são grupos organizados em função das idades e anos de escolaridade.

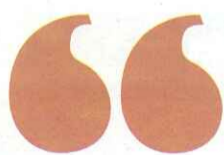
Neste sentido, são na maioria - para o melhor e para o pior - actividades realizadas em colectivo coincidente com o grupo que funcionou durante o período lectivo. Portanto, para as crianças, além do carácter obrigatório, não há diferença substancial entre estas aulas e as outras. Por outro lado, os professores das AEC's são formados para dar uma importância muito maior ao saber escolar do que ao brincar. Nesse sentido, se não tiverem uma intuição muito grande em relação ao que significa ser criança, ao seu cansaço, o que pode acontecer - ou o que acontece - é que é difícil para as crianças assim como para os professores.

O problema pode não ser só as actividades que se fazem com excesso de orientação, mas sim ser essa metodologia prevalente em todas as actividades.

As crianças adoram fazer coisas: só temos que lhes dar atenção, ouvi-las e colocarmo-nos disponíveis para ver o mundo na sua perspectiva. Isto representa uma grande aprendizagem para elas e para nós adultos.

O que diz aos que acham ingénua ou lírica a ideia de que a aprendizagem pela brincadeira é fundamental?

MJA - Digo que as pessoas ainda não conseguiram perceber a função es-



As crianças adoram fazer coisas: só temos que lhes dar atenção, ouvi-las e colocarmo-nos disponíveis para ver o mundo na sua perspectiva”

sencial que as brincadeiras têm na formação das crianças, no prazer, no bem estar... Brincar é uma necessidade e um direito. As crianças estão sempre a aprender e a brincar. Se os adultos não deixarem, elas arranjam-no porque precisam.

O projecto da Escola a Tempo Inteiro não acaba por responder a uma necessidade das famílias ao democratizar as funções de guarda?

MJA - A Escola estar aberta todo o dia é uma medida socialmente útil e importante para os pais. A questão não é se a medida é boa ou má. A questão é se tem uma influência positiva nas crianças. É preciso perceber o impacto destas medidas na vida das crianças.

As AEC's são um assunto de grande complexidade. A atenção do senso comum centra-se muito no tipo de actividades propostas pelo Ministério em parceria com as autarquias e na tema da segurança enquanto a questão de fundo fica sempre por resolver. Será que temos o direito de ocupar e condicionar o tempo livre das crianças depois de um dia de Escola? O contrário de tempo livre não é tempo ocupado, como muitas vezes se diz. Porque o tempo pode ser ocupado com liberdade (quando as crianças podem ter uma palavra decisiva na escolha da sua ocupação) e sem liberdade (quando as crianças são vítimas de uma imposição ou escolha a que são totalmente alheias). Para tempo não livre já temos as aulas, e é normal que assim seja. Depois das aulas é bom que o tempo livre seja mesmo livre. Não faz sentido prolongar de tal modo as suas ocupações e obrigações que não lhes



deixamos tempo para brincar e descansar. Para serem crianças... Estas são algumas das questões sobre que conversei com os educadores e que trato no meu livro. As crianças podem e devem fazer tudo o que for importante para elas, desde que lhes seja garantida a oportunidade de escolher. Aliás, detestam estar sem fazer nada. E, para algumas delas, a única hipótese de ter essas actividades é mesmo na escola. E é justamente por isso que temos de ser muito exigentes em relação à forma como essas actividades são sugeridas e implementadas, para que elas as possam aproveitar plenamente. De-

mostrar não é fechar as crianças em espaços e obrigar todas as crianças a fazer tudo da mesma maneira. **Mas concorda que a Escola Pública sai reforçada com estas funções? Ou critica a forma como se executa? O que pesa mais na avaliação?** MJA - Claro. Mas as coisas não são a preto e branco. Todas as medidas precisam de ajustes e de um tempo para ver como podem funcionar. Eu não fiz este estudo para dizer que funciona bem ou mal. Fi-lo para perceber e dar pistas. Para se poderem fazer reajustes, melhorando as condições do que se faz. A avaliação é sobretudo importante para perce-

bermos como podemos melhorar a qualidade do tempo que as crianças passam na escola. Eu toda a vida fiz actividades com crianças e o que digo é que é preciso respeitar as crianças e saber estar com elas.

Com o aumento destes espaços de enquadramento social (escola a tempo inteiro, AEC's), não acha que pode se pode traduzir na redução da liberdade e num maior controlo social?

MJA: Sim o controlo é talvez a palavra-chave desta questão.

JOSÉ MIRANDA
josemirand@hotmail.com

DIREITOS RESERVADOS